

# NO ABISMO DA MORTE: O CORONEL AURELIANO BUENDÍA NO DIVÃ DO DR. FREUD

MARCELINO DA SILVA, Ana Paula <sup>1</sup>

**RESUMO:** Os caminhos e descaminhos entre psicanálise e literatura sempre renderam bons frutos aos estudiosos de ambas. Tomando a narrativa fantástica de García Márquez de um lado e a análise freudiana sobre aspectos como a angústia e a morte de outro, este artigo pretende analisar, sob o viés psicanalítico, a vida do coronel Aureliano Buendía, personagem de *Cem Anos de Solidão*, obra clássica do realismo mágico latino-americano.

**Palavras-chave:** García Márquez. Freud. Angústia.

**ABSTRACT:** The paths and detours between psychoanalysis and literature have always yielded good results to the scholars of both. Taking García Márquez's fantastic narrative on one side and Freudian analysis over subjects such as anguish and the death of the other, this article aims to analyze, under the psychoanalytic bias, the life of colonel Aureliano Buendía, character of *One Hundred Years of Solitude*, classical work of Latin-American magical realism.

**Key-words:** García Márquez; Freud; Anguish.

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique e telhados de sapé construídos na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. (MÁRQUEZ, 2016,p.43)<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, estudante de graduação. E-mail: anapaula\_marcelino@yahoo.com.br

<sup>2</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem Anos de Solidão*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Para os leitores mais apaixonados, o início arrebatador de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, o Gabo, é inesquecível. O coronel Aureliano Buendía que entre tantos “Aurelianos” da família é o mais solitário e melancólico, depois de 32 guerras perdidas se dá conta da iminência da morte diante do pelotão de soldados designados para fuzilá-lo. A chegada dos ciganos à Macondo, vilarejo onde se passa toda a história do livro, é a primeira demonstração da grandeza e do encanto do realismo fantástico latino-americano que tem em Gabo sua figura mais expressiva. Aureliano, que de melancólico passou a herói revolucionário em poucas páginas, sucumbe à angústia diante da morte que sempre perpassou sua vida e que ele, numa leitura arriscada, sempre ignorou.

No entanto, os eventos que ocorrem no livro de poucas páginas levam Aureliano ao abismo da morte. A angústia domina corpo e mente deste personagem e nos coloca como expectadores diante da narrativa guiada pela possibilidade de sumir. Todavia, ele só percebe este fato quando um evento desloca completamente o eixo de sustentação que o conserva inerte, num estado indiferente, diante da vida (e da morte): o pelotão de fuzilamento.

A psicanálise freudiana nos dá uma indicação de como analisar o comportamento do coronel momentos antes da sentença ser cumprida. O personagem – antes refugiado num mundo completamente solitário e sombrio – sucumbe diante da angústia que vem com a possibilidade de deixar de existir. As reações descritas com maestria por Márquez são contêm em si diversos aspectos que descrevem com perfeição a análise freudiana acerca da angústia. O conceito de angústia toma forma em uma das obras mais lidas de Freud: *Inibição, sintoma e angústia*. O pai da psicanálise a define, basicamente, como um estado de desprazer. É desde já necessário salientar no entanto, que existe um paradoxo apontado pelo próprio Freud a ser considerado: ao mesmo tempo em que as emoções desprazerosas são descarregadas quando há a possibilidade do trauma (no caso de Aureliano, a morte), é justamente essa descarga que ajuda a aliviar as reações físicas e psíquicas que despontam nesse tipo de situação. As lembranças específicas de Aureliano sobre o dia em que os ciganos trouxeram o gelo à aldeia pela primeira vez seriam então um dispositivo de “alívio” diante da situação de trauma iminente? E só diante desta situação a indiferença do personagem diante da

vida(e da morte) desapareceu? Até que ponto literatura e psicanálise convergem para a análise deste caso?

## **2. A VIDA DE AURELIANO**

Para que possamos analisar, sob o viés psicanalítico, o personagem mais solitário da estirpe dos Buendía é necessário um pequeno levantamento de ordem biográfica. Aureliano nasceu “com os olhos abertos” e, contrariando o medo de sua mãe, Úrsula, de que fosse uma aberração resultante do casamento entre ela e seu primo José Arcádio, não possuía nenhuma diferença aparente a não ser a feição definitivamente solitária. Desde a adolescência, carregou o olhar perspicaz e tinha pequenos episódios premonitórios que, conforme aparecem narrados no livro, revelam uma fluidez fincada no solo da realidade com que Márquez constroi a obra fantástica.

Depois da primeira desilusão amorosa, resignou-se conscientemente na solidão e passou a se sentir inútil. Foi quando conheceu Remédios, uma juvenzinha filha do alcaide inimigo de seu pai. Remédios nem havia adentrado à puberdade, mas despertou uma paixão que fez o coronel encontrar naqueles tempos de juventude uma razão para viver. Escreveu versos e mais versos de amor no calor intenso dessa paixão. Casou-se com ela que, em pouco tempo morreu, vítima de uma gravidez precoce de gêmeos. Com o alvoroço de uma guerra civil premente, tornou-se liberal, promoveu trinta e duas guerras e perdeu todas. A morte, acompanhando tudo de perto, tentou várias vezes levá-lo consigo, mas o próprio coronel garantia que morrer era bem mais difícil do que se acha. Condenado pelas insurreições promovidas escapou da morte por intervenção de seu irmão mais velho que tinha o mesmo nome de seu pai, José Arcádio. Antes do cumprimento da sentença, Aureliano buscou os artifícios premonitórios que o acompanharam desde a infância, mas foi inútil. Conforme relata Márquez,

Não sentiu medo, nem nostalgia, mas uma raiva intestinal diante da ideia de que aquela morte artificiosa não lhe permitia conhecer o final de tantas coisas que deixava sem terminar. A porta se abriu, e o sentinela entrou com a caneca de café. No dia seguinte à mesma hora ainda estava do mesmo jeito, furibundo com a dor nas axilas, e aconteceu exatamente a mesma coisa. (MÁRQUEZ, 2016, p.166)

Quando teve novamente o poder nas mãos, tornou-se indiferente, permanecendo taciturno, disperso e entregue ao confortável abrigo da solidão que era a única coisa que fazia dos Buendía uma família, pois era uma característica comum entre todos da estirpe. Tentou suicídio e sobreviveu.

Como resultado das guerras perdidas, teve dezessete filhos que o visitaram na idade adulta e encheram seu coração de alegria novamente. Após o assassinato de todos eles, o coronel resignou-se na oficina de ourivesaria que era seu refúgio desde que aprendera a fabricar peixinhos de ouro na adolescência e de onde só havia saído para casar-se com Remédios e promover a guerra. Mergulhado no labirinto da nostalgia, virou uma sombra que vagava pela casa sem que ninguém se incomodasse ou percebesse sua presença. Morreu num dia em que o circo anunciava sua chegada e um alvoroço tomava conta de Macondo.

Viu os palhaços dando cambalhotas na cauda do desfile, e viu outra vez a cara de sua solidão miserável quando tudo acabou de passar e não restou nada além do luminoso espaço da rua, e o ar cheio de formigas voadoras, e uns quantos curiosos na beira do precipício da incerteza. (MÁRQUEZ, 2016, p.303)

A biografia do coronel revela a sagacidade e vivacidade com as quais o realismo mágico surgiu no século XX. O movimento, que emergiu nos tempos em que ditaduras sangrentas dilaceravam as veias sempre abertas de uma América Latina devastada por séculos de exploração, foi a forma que os latinos encontraram de cobrar a dívida histórica com os europeus. Também serviu como uma maneira de assegurar os aspectos mais ínfimos de uma cultura secularmente ultrapassada por diversas outras que a formaram.

Mas como a psicanálise, acostuada ao conforto dos ventos outonais e gris da literatura europeia, pode encontrar elementos de análise nas paixões escaldantes da esquecida Macondo? Como é, especificamente, que Freud faz uso da literatura como alicerce para os diversos braços de sua teoria do inconsciente?

### **3. FREUD E A LITERATURA**

O trabalho do leitor sempre lhe é apresentado no decorrer de sua passagem pelo texto. Por mais que tenhamos o hábito de ler, a leitura, ainda que de um texto anteriormente conhecido, é sempre atravessada por novas impressões e possibilidades. O leitor, portanto, é forjado dentro do próprio texto numa construção *a posteriori* sobrecarregada de referências, em sua maioria, “inconscientes”. Ler, pelo viés psicanalítico, é ler sabendo que a qualquer momento podemos identificar em determinado tipo de comportamento de uma personagem alguma característica que é oculta para o próprio autor do texto e que não foi propositalmente pensada como tal, mas emergiu da vida da personagem que é quem, no fim das contas, a escreve.

Muitos são os exemplos, desde o nascimento da psicanálise, da apreensão de obras literárias para exemplificação de casos e formulação de conceitos. Todavia, no que tange especificamente à literatura latino-americana, a tradição é quase inexistente. Portanto, o trabalho neste texto é experimental e carregado de significações antropológicas e marcas históricas presentes na formação da América Latina.

O “lugar” escolhido como laboratório não poderia ser outro senão a obra de García Márquez. O autor, que em suas obras se confunde a todo o momento com seus personagens, nos desperta da vigília em que nos encontramos, isto é, inertes no comodismo de uma reprodução forçada no espelho da literatura eurocentrista que Freud e seus partidários tinham à mão. A psicanálise nos deu o método, a antropologia, a matéria a ser estudada, e Márquez, a possibilidade de fazê-lo pelo caminho mais suntuoso: a literatura.

Como dissemos, a própria psicanálise freudiana foi cunhada a partir de bases literárias. Um de seus sustentáculos, o complexo de Édipo, é o exemplo mais óbvio e direto disso. Como afirma Todorov em *Introdução à literatura fantástica*,

Quando os psicanalistas se interessaram pelas obras literárias, não se contentaram as descrevendo em determinado nível. Começando pelo Freud, tiveram sempre tendência a considerar a literatura como uma via a mais para penetrar a psique do autor. A literatura se acha

então reduzida à fila de simples sintoma, e o autor se transforma no verdadeiro objeto de estudos.(TODOROV, 2004, p.79)<sup>3</sup>

Pensando com Todorov, os escritos de Márquez devem promover um levantamento biográfico que será respaldado pelo fato de ter nascido numa das épocas mais sangrentas da América Latina. Os anos de devastação étnica rechaçaram os latinos do mapa, enquanto os europeus permaneciam mergulhados nos frutos áureos da exploração da terra que foi supostamente conquistada. No clássico *As veias abertas da América Latina*, Galeano descreve de forma magistral como se deu esse processo.

E a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos.(GALEANO, 2015, p.18)<sup>4</sup>

A sensibilidade de Márquez e os fatos históricos que dão sustentação à sua biografia conceberam *Cem Anos de Solidão*.

Por outro lado, a indiscutível admiração de Freud pela literatura aparece nas mais diversas biografias já escritas sobre o médico austríaco que inaugurou uma nova perspectiva a partir da qual é possível pensar o que não vem à baila com tanta clareza nas patologias humanas e reside no inconsciente. As referências literárias que aparecem em diversos momentos da teoria do inconsciente freudiana deram o alicerce que ele precisava para que sua tese não passasse de metafísica, o que a teria levado à ruína, segundo Bellemin- Noel.

#### **4. ANÁLISE PSICANÁLITICA DA VIDA DE AURELIANO**

---

<sup>3</sup> TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004, 3ª edição.

<sup>4</sup> GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2015.

A vida de Aureliano, conforme já descrita acima, é perpassada por acontecimentos que, do ponto de vista psicanalítico, são um prato cheio para exemplificar as patologias do inconsciente. Começamos então pela angústia que acompanha Aureliano desde a mais tenra idade.

#### **4.1 A ANGÚSTIA**

Em sua segunda teoria da angústia, Freud diz que ela tem a função de descarregar a tensão sexual acumulada pelo recalque da libido. O desprazer de uma situação angustiante é a oportunidade de aliviar as pulsões sexuais contidas (pulsões de vida). Mas pulsões de vida não ocorrem isoladamente. As pulsões de morte também trabalham numa situação de angústia e essa junção leva ao estado original do sujeito no início de sua vida. Freud também argumenta que o sentimento de angústia é um sinal dado pelo eu quando o trauma se torna algo iminente. A iminência do trauma é uma repetição da reação original de estimulação a partir de um perigo externo. Segundo Freud, é uma preparação para a defesa a uma perspectiva de perigo real que pode atingir o sujeito.

Portanto, a possibilidade de uma situação traumática é baseada numa recordação primeva, original, que foi sendo formada e aumentada a partir das memórias que o sujeito adquiriu ao longo da vida. O caráter histórico dos fatos da vida de Aureliano e de sua “predestinação” à solidão, certamente são elementos a serem considerados na análise do caso. Mas, atentemo-nos especificamente aos momentos que antecedem a execução da pena de morte por fuzilamento, ao óbvio desprazer desta situação. Percebemos que Márquez descreve com precisão e maestria tal descarga da tensão entre as pulsões de que fala Freud.

Quando o pelotão apontou, a raiva tinha se materializado numa substância viscosa e amarga que adormeceu sua língua e obrigou-o a fechar os olhos. Então desapareceu o resplendor de alumínio ao amanhecer, e tornou a ver-se a si mesmo, muito menino, com calças curtas e um laço no pescoço, e viu seu pai numa tarde esplêndida levando-o ao interior da tenda, e viu o gelo. (MÁRQUEZ, 2016, p.168).

Segundo Freud, esses sintomas que inundaram o corpo do coronel nada mais são do que uma tentativa do corpo de retirar o ego daquela situação de perigo que

antecede o trauma. Mas o processo é bem mais complexo. Além de funcionar como alerta, a descarga dos sintomas não pode se dar com desmesura. Do contrário, a função da angústia não seria preparar o corpo para uma situação em que o trauma é iminente e com isso propiciar certo prazer ao liberar essa descarga de sintomas. Se essa descarga ocorresse em demasia, os sintomas poderiam levá-lo à neurose, pois,

A formação de sintomas, portanto, de fato põe termo à situação de perigo. Ela tem dois aspectos; um oculto, da visão, acarreta a alteração no id em virtude da qual o ego é afastado de perigo; o outro, apresentado abertamente, revela o que foi criado em lugar do processo instintual que foi afetado - a saber, a formação substitutiva.(FREUD, 1980, p.91)<sup>5</sup>

Nesse sentido, Laplanche afirma que a angústia não pode ser relegada à mera recordação de um medo passado - ou momento de iminência do trauma. Se há um transbordamento de sintomas a partir da inibição do ego, o fato de o corpo ser o “lugar” onde se manifesta a angústia, e esta é o resultado da tensão entre pulsão de vida e pulsão de morte, coloca na esfera somática o alicerce de toda a teoria dos afetos freudiana. Apesar disso, Freud afirma que existe uma angústia somática e outra psíquica. A angústia psíquica é o que pode desencadear a angústia somática e o que existe entre ambas é uma relação de complementaridade, não de exclusão.

Já em *Além do Princípio do Prazer*, Freud retoma o tema da angústia ao recolocar a questão do trauma como substrato dos sintomas descarregados no momento da situação de angustiante. Freud chama de “angústia- preparação” um momento de preparação protege contra os estímulos externos que advém da situação do perigo, da iminência do trauma.

Aureliano, que sempre esteve acostumado à solidão, viu-se diante da morte e procurou em suas capacidades premonitórias que apareceram em diversos momentos de sua vida o sinal de que aquele seria o seu fim definitivo, mas ele não veio. Por outro lado, os sintomas que a angústia descarregou em seu corpo são a chave para entender que, talvez pela primeira vez, vida pulsava em suas veias. Mas por que a lembrança específica do dia em que o pai o levou à tenda dos ciganos para conhecer o gelo?

---

<sup>5</sup> FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**. In:Obras Completas, v. 20. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

## 4.2. O ÉDIPO

José Arcádio Buendía, pai de Aureliano, dedicou sua vida às tentativas - em sua maioria frustradas - de conhecer a ciência oculta das coisas. Como Macondo era um vilarejo esquecido do mapa, as novidades trazidas pelos ciganos, que no livro são uma mistura de ficção e realidade, sempre o encantaram e fizeram com que ele mergulhasse num mundo fantástico conduzido pelos ensinamentos do cigano Melquíades, seu mestre.

Mergulhado nesse mundo que misturava ciência e magia, Arcádio havia se esquecido da criação de seus dois filhos que ficou sob responsabilidade de sua mulher, Úrsula. Uma nota biográfica de Márquez que vale a pena ser comentada é sobre o processo de escrita de *Cem Anos de Solidão*. Conforme conta Eric Nepomuceno na edição utilizada neste artigo, o processo de elaboração do livro levou Márquez à ruína, financeiramente falando. Trancado num pequeno cômodo de sua casa, ele juntou as economias que tinha e deixou a cargo de sua esposa, Mercedes, a responsabilidade de cuidar da manutenção do lar e dos filhos. O que Gabo não contava era que a escrita do livro levaria bem que os seis meses que havia planejado para este momento de reclusão. O resultado foi devastador. Conforme conta Nepomuceno,

Acontece que os tais seis meses viraram catorze. No meio do caminho o dinheiro acabou, o Opel foi o primeiro penhorado, e depois vendido, e penhoradas foram as joias de Mercedes e vários utensílios domésticos, a televisão, o rádio. Amigos emprestaram dinheiro, e quando finalmente o livro acabou García Márquez e Mercedes deviam nove meses de aluguel, quatro meses de açougue, sabe-se lá quantos meses de quitanda e padaria, e não tinham mais nada para empenhar ou vender.(NEPOMUCENO, 2016, p. 23)<sup>6</sup>

O resultado foi o Prêmio Nobel de Literatura em 1982. Todavia, isso nos faz pensar que o isolamento de José Arcádio pai não era outra coisa senão os traços biográficos de Márquez na obra que o levou à consagração.

---

<sup>6</sup>NEPOMUCENO, Eric. Prefácio. In: **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

O afastamento de Arcádio da educação de seus três filhos, José Arcádio, Aureliano e Amaranta, certamente incorporou ao destino solitário de seus filhos – que se fez presente em toda a sua estirpe – um elemento edipiano para a leitura.

Úrsula, esposa dedicada que fundou um império na fabricação de animaizinhos de açúcar, tomou as rédeas do destino de seus filhos, e em especial de Aureliano. José Arcádio(filho) perdeu-se pelo mundo e fugiu com os ciganos, retornando anos para casar-se com Rebeca– que apareceu na casa dos Buendía e foi tomada como filha - sem a benção de Úrsula, Amaranta, resignou-se na solidão de tecer sua mortalha e de desiludir os únicos homens que a amaram na vida.

Aureliano, que depois de perder suas trinta e duas guerras e devastar seu coração, sempre voltava pra casa e encontrava a mãe de braços abertos disposta a cuidar dele e sem medo de desafiar seus anseios sanguinários nas fases mais obscuras de sua solidão. Úrsula visitou-o na cela, momentos antes da cena do pelotão de fuzilamento e disputou-o com a morte várias vezes. De seu lado, Aureliano mantinha-se indiferente a qualquer reciprocidade, exceto quando tentou resgatar, nos lugares recônditos de sua memória a figura da mãe, já no fim de sua vida.

Fez então um último esforço para buscar em seu coração o lugar onde os afetos tinham apodrecido, e não conseguiu encontrá-lo. Em outro tempo, pelo menos sentia um confuso sentimento de vergonha quando surpreendia em sua própria pele o cheiro de Úrsula, e em mais de uma ocasião sentiu seus pensamentos interferidos pelo pensamento dela.( MÁRQUEZ, 2016, p.212).

A figura do pai ausente e inerte em seu mundo de fantasia criou um Aureliano ainda mais solitário do que já vinha predestinado a sê-lo. Mas a sombra de sua mãe certamente o acompanhou durante sua vida toda. Isto nos leva a identificar os aspectos edipianos dessa relação entre mãe e filho.

Freud em, *O Ego e o Id*, explica esse, que é o pilar fundamental da psicanálise e rende críticas ferrenhas até hoje, - como a famosa( e fabulosa) obra de Gilles Deleuze e Félix Guatari, *O anti-édipo – o complexo de Édipo*. Segundo Freud, o início do complexo se dá quando há uma vinculação muito forte entre o seio

materno, fonte inicial de alimento, satisfação e conforto diante do desamparo e da fome. A partir de então, todas as demais relações afetuosas serão a tentativas de um resgate desta inicial com a mãe. Um registro, uma memória nasce do contato entre o seio materno que anula o desespero de estar diante do mundo, do desconhecido. A relação entre mãe e filho vai ficando mais intensa com o passar do tempo e, mesmo tendo ocorrido uma identificação originária do filho com o pai, este passa a ser percebido como um obstáculo para a concretização da relação sexual desejada com sua mãe.

Na biografia de Aureliano encontramos traços edipianos que corroboram as conclusões iniciais de Freud sobre o complexo de Édipo. A solidão de sua juventude é deflacionada quando conhece a jovem Remédios, ainda que este amor insaciável que ele sentia, tivesse sido rapidamente anulado pela morte precoce de sua amada. Durante a guerra, as relações que manteve Aureliano renderam-lhe dezessete filhos de descendência incontestável. Quanto mais longe de casa, quanto mais longe do seio materno, mais ele buscava o caminho de volta, o colo de sua mãe nos braços de outras mulheres. Na solidão do fim de sua vida e com o pai já morto, trancou-se na proteção da casa ainda sustentada pelos olhos já cegos da matriarca que tentava manter a estirpe de pé, sem saber que já estava predestinada à aniquilação. Ao deparar-se com Aureliano naquelas condições, sem nenhum resquício da raiva impávida com que ele havia promovido trinta e duas guerras, Úrsula

Percebeu que o coronel Aureliano Buendía não tinha perdido o carinho pela família por causa do endurecimento da guerra, como ela acreditava antes, mas que nunca havia realmente gostado de ninguém(...). Chegou à conclusão de que aquele filho por que ela teria dado a vida era simplesmente um homem incapacitado para o amor.( MÁRQUEZ, 2016, p. 285).

Lendo com as lentes da psicanálise freudiana, percebemos que há um equívoco nesta constatação de sua mãe. Aureliano mantinha sim, única e exclusivamente por ela um afeto incontestável. Esta relação afetiva foi o que, segundo a leitura psicanalítica consolidou sua masculinidade e a virilidade com que travou suas guerras contra os conservadores. O outro desfecho apontado por Freud

para a relação o Édipo no menino seria uma intensificação da relação com seu pai, o que não ocorreu.

## 5. CONCLUSÃO

A bifurcação inicial entre psicanálise e literatura marcava o início da proposta inicial deste artigo. A riqueza de *Cem Anos de Solidão* e, mais especificamente, de um de seus personagens mais marcantes, o coronel Aureliano Buendía, foi a chave com que a psicanálise abriu as portas para adentrar ao mundo da literatura fantástica. Apesar de ser um trabalho arriscado e desconfortante, a identificação de conceitos trabalhados pela psicanálise freudiana em obras literárias, não é outra coisa senão um método demonstrado e praticado pelo próprio Freud. Por um lado, a angústia que o coronel sentiu diante do pelotão de fuzilamento foi o exemplo com qual discutimos as esferas somática e psíquica tomadas no texto freudiano como essenciais para discutir as consequências da situação angustiante. Por outro, a relação entre Aureliano e sua mãe, Úrsula, foi o espelho para a análise do fundamento com que Freud construiu toda a sua teoria do inconsciente, o complexo de Édipo. Dados biográficos do próprio García Márquez e o processo de elaboração *sui generis* do livro que o consagrou com um Prêmio Nobel foram relevantes para análise, pois vislumbraram movimentos talvez inconscientes que o próprio autor fez uso durante a escrita do texto. *Cem Anos de Solidão*, permanece nas veias abertas do povo latino americano como o mais perfeito reflexo do que a história deixou pra trás, mas as consequências permanecem aparentes até os nossos dias. O mesmo aconteceu com a psicanálise de Freud que inaugurou o século XX e, apesar de sofrer mutações, conserva o alicerce fundamental, a questão do Édipo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLEMIN-NOEL, J. **Psicanálise e Literatura**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

ANDRADE, A. C. **Angústia da Concisão**. 2ª Edição. Vila Velha: Opção Editora, 2014.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O anti- Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer.** In: Obras Completas, v.18. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

\_\_\_\_\_. **Inibições, sintomas e ansiedade.** In:Obras Completas, v. 20. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

\_\_\_\_\_. **O ego e o id.** In: Obras Completas, v. 19. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2015.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise.** Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MÁRQUEZ, G. G. **Cem Anos de Solidão.** Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica.** Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3ª edição .São Paulo: Perspectiva, 2004.